

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA DOMINAÇÃO MASCULINA NO ÂMBITO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS- UM ESTUDO DAS JUVENTUDES SEM TERRA.

Ana Paula Alves da Silva ¹

RESUMO

Está proposta de discussão e estudo tem por objetivo central efetuar algumas observações que foram evidenciadas até o presente momento acerca da construção social da dominação masculina no âmbito dos movimentos sociais, ou seja, como a construção dos papéis pré-definidos na sociedade para homens e mulheres, contribuem para a dominação masculina e sua perpetuação por gerações após gerações, partindo assim da perspectiva de Bourdieu (2002), aonde de forma significativa evidencia a relação entre dominante e dominado. A discussão por sua vez têm como objeto de pesquisa as Juventudes Sem – Terra do estado de Mato Grosso do Sul, no entrelaçar e compartilhar de suas ações nos encontros regional e nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem- Terra/ MST. A fim de efetivar a discussão fez-se necessário que a pesquisadora observa-se de maneira atenta, teórica e com sensibilidade como são construídas as relações sociais entre as juventudes, gerações e as famílias nos espaços dos encontros e ainda fez-se necessário a aplicação de questionários, a fim de obter conhecimento da realidade das juventudes. Até o presente momento pode-se dizer que a construção da dominação masculina é significativa nestes espaços, evidenciada nos olhares, nas falas, nos códigos de silêncios, ações, na prática da mística e nos discursos das juventudes. Porém as juventudes sem- terra utiliza nos espaços dos encontros estratégias de resistência, como as letras das músicas, o seu posicionamento frente às decisões, e sua presença a fim de se auto- representarem enquanto juventudes sem- terra e sujeitos sociais. A discussão por sua vez se faz necessária tendo em vista que ainda não são em grande numero, se torna significativo e relevante o estudo acerca das juventudes sem-terra sob o prisma de gênero.

Palavras-chave: (1) Juventudes Sem Terra; (2) Relações de Gênero; (3) Dominação Masculina.

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Humanas/ UFGD, atualmente mestranda do Programa em Pós- Graduação em Sociologia na mesma Instituição de Ensino, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ CAPES. Endereço eletrônico: annaufgd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

*“Juventude é Revolução”
Frase evidenciada pelas Juventudes no VI Congresso do MST/ Brasília 2014.*

Este presente artigo tem por objetivo efetuar uma discussão sob a perspectiva sociológica, acerca da construção social da dominação masculina no âmbito dos movimentos sociais, como ponto central de discussão e análise as juventudes sem terra² do estado de Mato Grosso do Sul.

Está reflexão se tornam necessária e significativa em nossa contemporaneidade, pois através de um prisma histórico observa-se que os processos de socialização atrelados à consciência coletiva que é construída socialmente e ao qual os/as indivíduos vivenciam ao longo de suas trajetórias, estão intimamente relacionadas com as Instituições significativas presentes na sociedade. Entre estas se podem destacar o Estado, Família, Escola e Religião, entre nossa sociedade por muito tempo e ao qual é de suma importância estudar o seu funcionamento para que se possam compreender as relações sociais.

Neste sentido proponho um olhar diferenciado para uma instituição significativa, ao qual nas últimas décadas veem se destacando através não apenas de suas demandas, porém através de suas lutas e ações, os movimentos sociais do/no campo e como análise de estudo as ações do MST a partir das juventudes. Acredito assim significativo estudar suas ações, pois corroboro com (Garcia, 2000, p. 8) aonde evidencia que “O MST é, sem duvida, o movimento social mais importante no Brasil, repercutindo nacionalmente e internacionalmente”.

O objetivo é apresentar de forma teórica dialogando com os resultados da pesquisa de campo, algumas observações que foram evidenciadas até o presente momento no caminhar da pesquisa³, ao qual têm como objetivo central efetuar um estudo sistemático das juventudes

² Quando me refiro às juventudes sem terra, são os/as jovens que se auto representam enquanto sujeitos sociais que estão junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra/ MST.

³ A pesquisadora ora acima citada durante sua trajetória acadêmica na graduação até o presente momento, tem se dedicado em pesquisar os dilemas e perspectivas dos/as jovens que estão no campo, intentando estudar quais são os mecanismos que norteiam a decisão dos/as jovens em permanecer ou ficar na terra. Durante a pesquisa no Programa de Pós- Graduação Mestrado em Sociologia, o objetivo central é estudar as juventudes que estão no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/ MST, investigando assim se as juventudes do MST estão

sem terra no estado de Mato Grosso do Sul, contribuindo para as discussões acerca da permanência ou saída dos/as jovens dos projetos de assentamentos.

O âmbito da compreensão são os encontros regionais, estaduais e nacionais do MST onde estão às juventudes, observando de maneira significativa, atenta e com sensibilidade por parte da pesquisadora como são construídas as relações sociais entre as juventudes as gerações e suas famílias, os conflitos, as resistências, os silêncios, os acordos.

Significativo este estudo no âmbito dos encontros, pois conforme (CASTRO, 2009, p.25): “A observação participante nesses espaços se mostrou especialmente rica, com vários caminhos envolvendo sua preparação, a partir de situações ocorridas em eventos da *juventude*”. A análise ira se pautar em três encontros aos qual a pesquisadora esteve inserida, o encontro das juventudes sem-terra da fronteira, realizado no mês de agosto de 2013 no projeto de assentamento Itamaraty- Ponta Porã MS, na intervenção que foi efetivado atrelado ao estágio de docência do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/UFGD no mês de dezembro de 2013 no projeto de assentamento Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul MS e no VI Congresso do MST em Brasília- DF, realizado entre os dias 10-14 de fevereiro 2014, ressaltando assim que todos/as jovens pertencem ao MST, objeto de pesquisa.

A compreensão acerca destes espaços sob a perspectiva de (BOURDIEU, 2002)⁴, ira se pautar em momentos que acredito ser significativos para se estudar a construção social da dominação masculina, ou seja, como nos movimentos sociais através das ações, dos códigos de silêncios, e das resistências a hierarquia entre jovens homens e jovens mulheres a cada dia se evidenciam de maneira significativa, sob uma perspectiva de gênero⁵

Para tanto irei abordar três momentos que penso ser significativo, o momento das místicas, o momento das plenárias, ou seja, das falas observando quem está presente e se as juventudes são pautas ou não para o MST e através do estudo dos questionários respondidos/as pelas juventudes, como os/as mesmos/as veem o diálogo entre estes/estas e o

permanecendo no campo ou migrando, através de um estudo de eventos (CASTRO, 2009), utilizando da pesquisa participante (BRANDÃO, BORGES, 2007), aplicação de questionários, e sistematização dos dados.

⁴ O autor em sua obra “Dominação Masculina” efetue um estudo brilhante sobre a construção social da dominação masculina entre os Cabila, evidenciando assim de maneira significativa que os papéis pré-definidos para homens e mulheres estão previamente estabelecidos, o processo de socialização assim contribuem para a sua existência. Evidencia ainda que as diferenças que delimitam os espaços entre homens e mulheres estão não apenas nas falas, olhares, discursos, como também nos objetos, diferenciando-os, mais contribuições podem ser encontrados em sua obra “O Poder Simbólico”, ao qual está citada nas referências bibliográficas.

⁵ Gênero enquanto uma construção histórica, social e cultural sobre os sexos, permeada por relações de poder. SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Revista educação & realidade. V.15, n.02, jul./dez. 1995. Traduzido da versão Francês, com consulta ao original em inglês. p. 71-99.

MST. Por fim irei propor para futuras pesquisas e análises através do olhar das juventudes, quais as possíveis estratégias que podem ser definidas para que se construam relações sociais entre homens e mulheres, ou seja, sujeitos sociais pautadas na igualdade, respeito e emancipação política, e social das juventudes sem terra.

A Prática da Mística nos eventos do MST- Diálogos, Conflitos e Resistência.

Uma prática significativa efetivada cotidianamente no interior do MST e ao qual nos propicia compreender a construção da dominação masculina, é a mística. O que vem a ser e como pode ser estudada e compreendida nos estudos sociológicos acerca das juventudes sem-terra?

A mística segundo as juventudes têm o sentido de “vida”⁶, está presente em todos os âmbitos do MST, nas falas, nas ações, nos silêncios, músicas, nos objetos que representam a luta e o cotidiano dos/as militantes. É efetivada assim tanto nos acampamentos, momentos que antecedem a conquista da terra, quanto nos assentamentos, após a conquista da mesma. A prática da mística segundo Coelho têm o sentido político e cultural:

No caso da mística desenvolvida pela organização do MST, por ser uma prática apropriada dos grupos religiosos que lhe prestavam assessoria (especialmente a CPT), ela também possui sua historicidade, ao passo que foi produzida e reproduzida historicamente junto ao Movimento. O cultural e o político, atribuídos ao seu entendimento, se explicam pelo fato de que não há como separar estas duas dimensões no fazer da mística. Analisando o conjunto de fontes selecionadas para edificação do trabalho, nota-se que a política se torna uma dimensão fundamental e importantíssima para se compreender os sentidos de sua produção no Movimento. (COELHO. 2010, p.174)

Visto ter o sentido tanto político e cultural propicia para todos/as militantes do MST tendo em vista as juventudes, momentos de reafirmação, de comprometimento e responsabilidade de cada um com o ator social maior e coletivo, o MST. Através das pesquisas é possível observar que a prática da mística têm se evidenciado enquanto uma estratégia de controle, dominação e perpetuação tanto no processo de gestação quanto de vida do movimento social.

⁶ Em um dos questionários que foram aplicados com as juventudes no VI Congresso do MST em Brasília, um jovem homem relatou que a mística é o momento mais importante para ele nos eventos, se não há mística não há movimento, evidenciando assim a importância, e de suma importância para os estudos.

Algo que acredito ser significativo e ao qual me impulsionou à escrever está reflexão foi ao observar as místicas no VI congresso do MST em Brasília, ao qual foi utilizado o uso da voz, de que maneira? As vozes dos/as indivíduos se elevavam no momento das místicas, dos gritos de luta, para que assim os/as militantes não se ausentassem de sua responsabilidade, conforme os/as mesmos/as, a fim de continuar a luta.

Neste sentido observei o processo de socialização (DURKHEIM, 2007) ao qual os/as indivíduos vivenciam no decorrer de suas trajetórias, desde as crianças, os/as jovens e adultos/as são interiorizados/as que devem continuar a luta, em que sentido? Através das letras das músicas que são acompanhadas das místicas com dizeres como “Mostra sua garra sua vontade de lutar, a juventude socialista é radical e nossa luta é internacional, [...] avante revolucionário [...]”.

É possível assim observar como o processo de socialização é significativo na construção da dominação masculina e sua perpetuação, aonde cada um possuem como uma marca registrada, a maneira que irão se posicionar frente a outros/as, o que dizer o que não dizer, preservando sempre os códigos de silêncio, jovens homens e jovens mulheres. Neste sentido é de suma importância observar a relação que está em discussão no interior e exterior do MST, está atrelado à perspectiva de (BOURDIEU, 2002, p 26), quando evidencia que: “O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder”.

É neste sentido que há a relação entre dominante e dominado ao qual Bourdieu em suas análises nos chama a atenção, para que os dominadores possam exercer o seu poder é preciso que exista consentimento por parte dos/as dominados/as, ou seja, é necessário que aceitem o poder que lhes é imposto, seja por diversos motivos que os/as impulsionam.

Por vezes tenho observado que este poder não é criticado ou até mesmo colocado em pauta para discussão, conforme (DURKHEIM, 2007) é um processo natural ao qual os/as indivíduos vivenciam ao longo de suas vidas, suas trajetórias que acabam por ser algo natural aceitar as regras, as leis. Para DURKHEIM a primeira instituição significativa ao qual os/as indivíduos vivenciam o processo de socialização é a família, com normas e regras a criança por nascer apreende de seus pais como deve se comportar. Conforme o tempo vai passando ao longo de sua vida adulta há outras instituições que também irão lhe cobrar comportamentos específicos, como a Escola, o Estado, Igreja.

Neste sentido é pertinente ampliar os estudos quanto a construção social da dominação que é construída e por vezes perpetuada pelos movimentos sociais ⁷, nos últimos anos a ação do MST têm se evidenciado cada vez mais significativa ⁸, é preciso assim olhar para as suas ações internas, respeitando sempre os limites que nos é imposto enquanto pesquisadores/as devemos estudar toda e qualquer forma de opressão seja para com as mulheres, homens, jovens ou crianças.

A dominação por vezes advém de símbolos que são significativos para o MST e são utilizados no momento da mística, não apenas as músicas com dizeres de convencimento, como objetos que os faz lembrar a todo o momento da luta, do que já vivenciaram outros/as militantes, que muitos/as indivíduos faleceram por conta da luta. Objetos como a bandeira, o vermelho que representa o sangue de militantes que se foram na morte, o boné, as camisetas ao qual todos/as estão usando sempre nos encontros, como uma identificação, todos são objetos e processos que envolvem a prática da mística, e ao qual se perpetua em todas as situações do movimento social. É o habitus (BOURDIEU, 1998) interiorizado nos indivíduos.

A prática da mística tem o sentido de unidade, ou seja, de coletividade onde todos/as estão inseridos/as, porém é um momento de estratégia de dominação para que todos/as que estão participando ou sendo representados/as não se ausentem da luta, ou seja, da sua responsabilidade de manter o movimento social vivo e em chamas, e em sua grande maioria está reafirmação veem das vozes masculinas, conforme abordado a seguir.

Momentos em que as vozes ecoam, é possível ouvir as vozes das Juventudes?

Conforme evidenciado acima a prática da mística na cotidianidade tem como objetivo segundo os/as militantes jovens dar vida às práticas, ou seja, lembra-los que estão na luta. Por

⁷ Segundo (GOHN, 1997, p.154) os movimentos sociais são: “também espaços de organização e de luta dos trabalhadores excluídos das esferas de poder de uma forma geral ou dos “apartados socialmente”. E por serem parte do cenário das lutas sociais e políticas, os movimentos podem alterar forças e correlações de forças”. Visto que possuem este poder de atrelar forças é de suma importância estudar como se dá este processo, e quais são as consequências para o desenvolvimento do próprio movimento social, contribuindo para a crítica científica e auto- crítica posterior dos/as militantes, propiciando às mudanças e transformações sociais.

⁸ Durante o VI Congresso do MST em Brasília no dia 12/02/2014 houve uma marcha com aproximadamente 16.000 militantes em destino a Praça dos Três Poderes, e ao qual a pesquisadora ora acima citada estava presente, o objetivo foi evidenciar à sociedade e ao governo às atrocidades cometidas no campo, e lutar por diversas demandas dentro dos Projetos de Assentamentos. Sendo assim logo após a marcha foi o 5º assunto mais comentado tanto nacionalmente quanto internacionalmente, mostrando assim a importância de se estudar cada vez o que os/as impulsiona a lutar.

sua vez penso que há o sentido de perpetuação, sendo uma das facetas que contribuem para a dominação dos/as mesmos/as enquanto ser social coletivo.

Não apenas a prática da mística contribuem para a construção social da dominação masculina, como também as plenárias nos eventos, de que maneiras? Os/as militantes estão em constante movimento algo que não podemos negar, ao compor uma mesa durante os eventos quem está presente, os/as jovens, e quem têm o poder da voz primeiro, os homens ou as mulheres?

Nas três pesquisas de campo que foram efetivadas até o presente momento, nos assentamentos Itamaraty em Ponta Porã MS, Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul MS e no VI Congresso Nacional do MST, foi possível observar que a dominação masculina é significativa nestes espaços, por vezes não percebida e não questionada. Sendo assim pode-se perguntar se as vozes das juventudes podem ser ouvidas? Corroboro assim com (SPIVAK, 2010, p. 85) quando ressalta que: “Evidentemente se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras”, ou seja, mostra o quanto é tortuoso este caminho para que as mulheres possam se expressar nos espaços de decisão, com as juventudes por sua vez não é distinto.

Neste sentido ainda foi possível observar que quando se formam mesas de debates sobre os mais variados temas, sempre há o predomínio dos homens, quando as mulheres estão presentes é para abordar assuntos específicos a elas, como gênero, produção nos assentamentos, o uso indevido do agrotóxico, como se cada indivíduo seja mulher ou homem há assuntos específicos a serem abordados e discutidos, outros, porém não devem ser destinados às mulheres, aos/as jovens. Sendo assim quais é os motivos que impulsionam as mulheres estarem presentes também em outras demandas, não apenas as específicas?

Corroboro neste sentido assim com Bourdieu quando ressalta que:

Quando elas participam de um debate público, elas tem que lutar permanentemente, para ter acesso à palavra e para manter a atenção, e a diminuição que elas sofrem é ainda mais implacável por não se inspirar em má vontade explícita e se exercer com a inocência total de inconsciência. Cotam-lhes a palavra, orientam, com a maior boa fé, a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer (como se, enquanto tal, ela não pudesse, por definição, vir de uma mulher) (BOURDIEU, 2002, p. 37).

Observa-se assim a construção social dos papéis pré-definidos para cada indivíduo, quando a mulher consegue acessar a um posto de destaque ao qual pode falar e ser ouvida, é preciso que lute insistentemente para ser ouvida pelos/as demais. Com as juventudes não é

distinto, quando um/uma jovem deseja falar, se expressar há sempre ao seu lado um adulto ao qual sem perceber está evidenciando a violência simbólica (BOURDIEU, 1998), exercendo o poder sob o/a outro/a, conforme foi possível observar no assentamento Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul- MS.

Logo no início das atividades ao qual como pesquisadora estava inserida para trabalhar com as juventudes e as famílias sobre a realidade dos/as jovens nos assentamentos, quando o jovem foi se apresentar para o grupo da Universidade estava ao seu lado um adulto homem. Acredito ser importante que dialoguem e defendo que as distâncias entre ambos jovens e as famílias possam diminuir pouco a pouco, porém observa-se o exercício do poder nas ações, nos olhares e nas falas, como se o jovem não possa se expressar de maneira autônoma e relatar a sua realidade dentro do assentamento.

No VI Congresso do MST as juventudes não foram destaque de discussão, não foram discutidos sobre a permanência e saída dos/as jovens, houve apenas um dia ao qual às juventudes estavam reunidas para discutir sobre a sua realidade, porém todos/as demais não estavam envolvidos/as de maneira coletiva, foi um dia pela noite em uma assembleia onde estavam apenas as juventudes. Podemos dizer que é um avanço, porém é preciso avançar muito mais, é preciso que temas como trabalho, educação, lazer, cultura, acesso das juventudes para fomento e à terra sejam debatidas com as gerações, com as famílias, é urgente o entrelaçar de saberes e conhecimentos.

Desta maneira as juventudes irão ter conhecimento dos anseios da comunidade e os/as demais de seus sonhos e ideologias, é preciso diminuir a distância que existe entre ambos, sabemos que há nos espaços dos assentamentos segundo (WANDERLEY, 2007, p.24) “a direção do pai, aonde a vida dos jovens é fortemente marcada pelas suas relações com a família e a comunidade local”, isto não isenta de que as juventudes estejam presentes nos processos de decisão e dialoguem com os/as demais, é preciso dar poder aos jovens de decidir o que desejam fazer, quais projetos de vida irão seguir.

É preciso que as juventudes estejam presentes nas mesas nos debates acerca não apenas de sua realidade, porém de todos os aspectos que envolvem as demandas dos MST e de outros movimentos sociais, é preciso que jovens mulheres e jovens homens não participem apenas das místicas ou de outros processos como coadjuvantes, mas sim como protagonistas de sua própria história, autônomos/as. É preciso que o MST enquanto um sujeito social coletivo reconheça as suas limitações, e efetue uma autocrítica acerca de suas ações, e que não apenas os/as jovens tenham espaços democráticos, bem como todos/as.

Penso que o momento das plenárias, ou seja, o momento em que os/as indivíduos possuem o poder de ter a fala, de se expressar para os/as demais seja nos espaços dos projetos de assentamento como foi possível constatar nas pesquisas de campo nos assentamentos Itamaraty e Santa Luzia, quanto em eventos maiores onde está reunidos/as militantes de outros estados, o poder que o/a indivíduo possui da voz, da fala é uma das maneiras em que há a construção da dominação masculina, sem ser percebida pelos demais.

É como se os movimentos sociais em especial o MST ao qual é objeto de estudo, delimitasse os espaços que as juventudes podem estar presentes, podem falar, e a sua aceitação ou não perante às gerações que por sua vez são na maioria são homens, será determinado pelo que será ouvido por estes. Juventudes relataram nos questionários que por vezes quem possui maior aceitação para participar nas instâncias do movimento social são os jovens homens, e será aceito dependendo do que for expressado, se for de acordo com o desejo das gerações será aceito, caso contrário haverá conflitos.

Neste sentido é relevante a reflexão de Foucault, quando analisa o poder:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer o poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1979, p.183)

O poder é algo que está em todos os lugares, exercendo dominação de uns sob outros/as, uma relação de hierarquia social onde não se respeita a diversidade, a cultura, os desejos, suas consequências podem e são trágicas. No que tange às juventudes é possível observar esta reflexão de Foucault no sentido de que passa pelas juventudes este poder e os/as envolve de tal maneira significativa que por vezes é interiorizado, por vezes não.

Sendo assim pode-se perguntar ou até mesmo indagar se está dominação de uns sob os/as outros/as haverá fim? Penso que como pesquisadores/as ao qual procuramos compreender os processos que levam à dominação, e suas consequências nosso desejo sincero através de nossas reflexões é que sim, que paulatinamente os/as indivíduos possam construir relações sociais justas, livres, porém não impondo, mas segundo (SPIVAK, 2010, p. 14) [...] “criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele o faça, possa ser ouvido” [...].

É preciso que nós enquanto intelectuais possamos assumir a responsabilidade com os grupos sociais que pesquisamos que possamos não apenas ir e pesquisar sobre sua realidade, mas sim que possamos de alguma maneira trazer aos grupos respostas de nossas reflexões, seja por oficinas, vídeos, enfim é preciso assumir o compromisso social e assim conforme Spivak criar espaços para que os/as jovens possam ecoar suas vozes por todos os cantos e serem respeitados/as enquanto sujeitos sociais.

Juventudes Sem Terra e o MST: É possível diálogos? Entre conflitos e resistências.

Outro momento significativo ao qual nos faz compreender a construção da dominação masculina nos espaços dos movimentos sociais tendo como ponto de análise as juventudes são as vozes das próprias juventudes, ao qual expressando suas opiniões sobre a sua participação nos movimentos sociais podemos observar a relação que existe entre dominante e dominado, e as estratégias de resistências, que são efetivadas a todo o momento.

Conforme (BOURDIEU, 2002) “as causas e efeitos sociais da dominação simbólica” são múltiplas, porém os/as indivíduos não são totalmente dominados/as ou presos/as que não possam se mover de um lado para o outro, foi possível observar está reflexão nos conflitos existentes nos encontros. Conforme o autor:

[...] O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos ‘habitus’ e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem. [...] (BOURDIEU, 2002, p. 49/50).

Por vezes além do uso elevado da voz como forma de convencimento não apenas nas místicas, mas também nos momentos de responsabilidades, como estar todos/as presentes na plenária, representando o estado ao qual está envolto, levantar cedo, trabalhar nas instâncias do evento para manter a ordem, houve resistências por parte das juventudes por não aceitar regras e imposições das gerações.

Como pesquisadora vivenciei um conflito entre uma jovem mulher e uma liderança masculina quanto há participar ou não de uma mística, a liderança masculina alegou que a jovem mulher não poderia participar, pois não estava cumprindo com as suas responsabilidades de estar presente todos os dias na plenária e que por este motivo não poderia participar da mística do estado ao qual pertence, o Mato Grosso do Sul, mudando assim a liderança masculina de posição logo depois.

A jovem por sua vez como resistência relatou que não participaria mais da mística, ou seja, observamos os conflitos existentes entre jovens mulheres, jovens homens com lideranças sejam estas masculinas ou femininas por conta de se auto-representarem observa-se assim não apenas a violência simbólica (BOURDIEU, 1998) que por vezes não é percebida, mas também o patriarcado, conforme (SAFFIOTI, 2004, p.60) “Logo, não se vivem sobrevivências de um patriarcado remoto; ao contrário, o patriarcado é muito jovem e pujante, tendo sucedido às sociedades igualitárias”.

O predomínio do patriarcado nas relações entre as juventudes e suas famílias no interior do MST foi constatado também ao indagar as juventudes sobre quem têm maior participação no movimento social, na aplicação dos questionários relataram que a grande maioria quem participa são os jovens homens. Para as jovens mulheres se torna um caminho tortuoso e difícil de percorrer, pois as famílias por vezes na figura do pai e do irmão não aceitam que a jovem mulher participe, se desloque até os encontros e tenha total participação na sua comunidade.

É digno de nota assim ressaltar a reflexão que (PINTO; MENEGHEL; MARQUES, 2007, p. 2) efetuam acerca da construção do machismo: “Já ao machismo não se restringe aos homens, a maioria das mulheres sofre uma socialização que as preparou para aceitar a dominação masculina”, por vezes já está interiorizada nas jovens mulheres que não devem participar dos processos decisórios da família e também que as suas ações dentro do movimento social deve ser restrita há alguns aspectos, com ações e papéis pré-definidos, é como se para as jovens mulheres há delimitação de espaços. Por vezes segundo (BOURDIEU, 2002, p.41) “dela se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”.

É importante ressaltar também que é preciso observar ou construir um olhar diferenciado não apenas para como são construídas estas relações de conflitos, como também observar quais os motivos que impulsionam por vezes os homens a exercer determinadas ações. Os estudos quanto às masculinidades, ou seja, como os homens são educados em nossa sociedade

é de suma importância para se compreender o que os impulsiona a agir de determinadas maneiras, é significativo olhar para estes homens, escuta-los de forma atenta.

Por vezes são ensinados a exercer diversas posturas como não demonstrar os seus sentimentos, não chorar, ser o provedor do lar, entre tantas outras atitudes que podem contribuir para a construção da dominação masculina em todos os meandros da nossa sociedade. Neste sentido (SABO, 2002) em sua reflexão sobre “O estudo crítico das masculinidades”, efetua um estudo de gênero quanto a como são construídas os papéis que os homens devem desempenhar na sociedade, relata que por vezes o futebol contribui para ações machistas.

Neste sentido dentro dos movimentos sociais não é distinto, os homens por vezes ao longo do processo histórico são educados, ou seja, socializados através de distintos símbolos, como as musicas, místicas, bandeira, as cores que simbolizam o movimento que não devem fugir da luta, devem assumir posturas que possam representar o coletivo. Os jovens por sua vez ao longo de suas trajetórias ao observarem ações assim, internalizam para si estas práticas diárias, sendo a mudança um longo processo a ser percorrido, porém não impossível.

Outro aspecto plausível para se observar quanto à construção da dominação masculina dentro do MST, são os discursos distintos dos/as jovens quanto à participação ou não do movimento para o debate acerca da permanência ou saída do jovem, e se os/as jovens tem espaço de participação e quem mais participa. Observa-se um discurso distinto dos/as jovens que estão mais próximos das gerações, das lideranças, é como se os códigos de silêncios ou até mesmo de convencimento fossem interiorizados de maneira tão significativa que lhes tornou natural olhar sem efetuar a autocrítica.

Algumas Aproximações

O objetivo central desta discussão foi efetivar uma compreensão acerca da construção social da dominação masculina no interior dos movimentos sociais, tendo como objeto de estudo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/ MST, a partir das juventudes. Torna-se relevante este estudo, pois as ações do MST nos últimos trinta anos ⁹ de sua

⁹ Segundo uma entrevista ao Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Edição Especial Congresso, ano XXX, nº323- Fevereiro de 2014, para Leonardo Boff- Teólogo, professor e escritor: “O MST é o maior movimento popular organizado do mundo. Tantos foram difamados, perseguidos, presos, torturados, assassinados e vocês nunca baixaram os braços ou arream as bandeiras. Continuam porque a causa é justa, humanitária e, porque não dizer divina. O sonho do MST nunca foi pequeno: a Reforma Agrária ou políticas agrárias mais justas e equitativas. O sonho sempre foi grande: fazer que a Terra possa acolher a todos para nela trabalhar e viver, no

existência têm se tornado significativo em nossa sociedade, desde as lutas para o acesso a terra quanto os meios que possibilitem à permanência.

Sendo um dos movimentos sociais mais importantes e ao qual está na conjuntura de nossa sociedade há trinta anos, é de suma importância estudar suas ações e demandas, para assim contribuir com mudanças e transformações para as práticas do movimento social. Neste sentido nesta presente discussão o objetivo foi estudar de maneira atenta como são construídas as relações sociais entre as juventudes, as gerações e as famílias sob a perspectiva de gênero nos eventos do MST.

Foi possível observar que há vários fatores que podem contribuir para a dominação masculina, a prática da mística, ao qual segundo (COELHO, 2010) têm o sentido cultural e político, penso que a prática da mística em todos os meandros do movimento é uma estratégia utilizada para que os/as militantes, em especial as juventudes estejam em um processo de dominação. Atrelado a esta prática há as músicas com dizeres de convencimento que impulsionam as juventudes a “não fugir da luta”, (STELIDE,2014) ¹⁰ ressalta que “quem aposta na juventude ressurgem”, ou seja, que as gerações apostam nas ações das juventudes, e estes por sua vez não devem se ausentar de sua missão, lutar pelo movimento social.

Outro momento plausível a se observar nos encontros foram os momentos das vozes, ou seja, nas plenárias, em três pesquisas de campo efetuadas foi possível constatar que quando há participação, são os jovens homens que em sua grande maioria podem falar, ou seja, se expressarem. Estes são momentos sazonais, por vezes são os homens adultos e mulheres que compõem as mesas de debates sobre a política do movimento social e futuras ações.

Há também a diferença dos discursos dos/as jovens que estão nas lideranças do coletivo da juventude e dos/as que não há uma real participação, está interiorizado nestes/as jovens a missão de perpetuar o movimento social. É digno de nota ainda e de suma importância é que as juventudes sem-terra não é pauta de debate ¹¹, neste sentido pode-se

respeito a seus limites e possibilidades para nós e para nossos filhos e netos”. Sendo inegável assim suas ações e lutas quanto a efetivação da Reforma Agrária, onde possibilite todos/as acesso aos bens que proporcionem uma vida digna.

¹⁰ João Pedro Stelide, membro da direção nacional do MST, em uma fala durante o VI Congresso do MST em Brasília.

¹¹ Em uma entrevista ao Jornal Brasil de Fato- Uma visão popular do Brasil e do mundo, Rio de Janeiro, 6 a 12 de Fevereiro de 2014, ano 11, edição 38, João Pedro Stelide ao ser indagado sobre a nova proposta de Reforma Agrária no Brasil, defende que deve ser democratizada para os/as indivíduos do campo e da cidade, porém: “Precisamos instalar agroindústrias na forma de cooperativas, criando empregos para os jovens do campo, para frear o êxodo rural e distribuir renda”. Assim há o avanço no sentido de criar trabalho no campo, porém são as juventudes protagonistas da luta, e pauta real de discussão? Não, é preciso assim avançar muito mais neste sentido o MST.

perguntar e indagar se as juventudes podem criar estratégias de resistência e serem protagonistas?

Para (BOURDIEU, 2002, p. 69): “A ação política que leve em conta todos os efeitos da dominação, [...] contribuindo para o desaparecimento progressivo da dominação masculina”, ou seja, que é preciso construir relações sociais pautadas na igualdade, respeito entre jovens homens, jovens mulheres, as gerações e a comunidade, e que através da ação política efetiva das juventudes possam ter consciência dos efeitos da dominação masculina e assim transformar a realidade.

Sendo assim é significativo que os/as sujeitos sociais possam construir novas relações entre as juventudes e o movimento social, que os/as jovens estejam em todos os processos de decisão do MST, que não estejam apenas nas místicas com espaços delimitados, que estejam nas mesas, nas plenárias, nos debates sobre os mais variados temas que envolvem a sua realidade. Que sejam pauta efetiva de discussão sobre trabalho, cultura, lazer, quais são os motivos que levam os/as jovens a sair do campo e o que pode ser efetivado para que permaneçam, e que possam fazer suas escolhas.

Penso que é possível ampliar cada vez mais o debate acerca das relações entre homens e mulheres, as discussões de gênero em oficinas com as juventudes e as famílias nos assentamentos, nos acampamentos, nas secretárias do MST. Escutar os homens para que expressem seus desejos, através deste estudo sistemático podem-se encontrar os motivos que por vezes direcionam os homens a efetivar atitudes machistas, é urgente que as jovens mulheres saibam que podem se expressar e “romper as cercas da ignorância que produz intolerância”¹².

Torna-se ainda necessário que o MST como outros movimentos sociais efetuem constantemente a autocrítica, observando aonde errou e onde pode acertar dialogando entre si, ser solidário com as lutas de todos/as marginalizados/as em nossa sociedade, e que as juventudes sem terra do Mato Grosso do Sul junto com os/as demais jovens, possam efetivamente criar espaços aonde possam escrever suas histórias.

Referencias Bibliográficas Utilizadas.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento de educação.** Cartão de divulgação da agenda do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares/ 2007.

¹² Letra da música do Teatro Mágico- “Canção da Terra”.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

_____. **A dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro 2ª ed. Bertrand Brasil. 2002.

CASTRO, CASTRO, Elisa Guaraná de. **Os jovens estão indo embora? : juventude rural e a construção de um ator político/** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST.** Dissertação Mestrado em História, Universidade Federal da Grande Dourados. UFGD, 2010, p. 284.

DURKHEIM, E. **As regras do Método Sociológico.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 165p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Organização e Tradução de Roberto Machado- Rio de Janeiro: Edições Graal , 1979.

GARCIA, Regina Leite. **Aprendendo com os movimentos sociais.** (org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GHON, Maria Glória. **Os Sem- Terra, Ongs e Cidadania.** São Paulo: Cortez, 1997.

PINTO, Andréia Dioxopoulos Carneiro; MENEGHEL, Stela Nazareth; MARQUES, Ana Paula Maraschin. **Acorda Raimundo! Homens discutindo sobre masculinidade.** Revista Psico. V. 38 , n. 3 , pp. 238-245, set./dez. 2007

SABO, Donald. **O estudo crítico das Masculinidades.** In: Adelma, Miriam; Silvestrin, Bronstrup Celsi (org.). Coletânea Gênero Plural. Curitiba: Ed UFPR, 2002.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** Revista educação & realidade. V.15 , n.02 , jul./dez. 1995. Traduzido da versão Francês, com consulta ao original em inglês. p. 71-99.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 133p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.** In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). Juventude Rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 21-33.

6. Jornais e sites pesquisados

Jornal Brasil de Fato- Uma visão popular do Brasil e do mundo, Rio de Janeiro, 6 a 12 de Fevereiro de 2014, ano 11, edição 38, entrevista na página 05 de João Pedro Stelide.

Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Edição Especial Congresso, ano XXX, nº323- Fevereiro de 2014.

<http://www.mst.org.br/>; acessado no dia 24 de Fevereiro de 2014 as 11:30.

<http://www.mst.org.br/content/criatividade-da-juventude-e-fundamental-para-mudar-sociedade-afirma-dirigente-do-mst>. Acessado no dia 28 de Janeiro de 2014 as 10: 03.

http://issuu.com/paginadomst/docs/jornal_da_juventude_sem_terra/1?e=0. Acessado no dia 28 de Janeiro de 2014 ás 09: 54.

<http://juventude-semterra.blogspot.com.br/>; acessado dia 02 de Janeiro de 2014 as 08:31.

7. Bibliográficas Complementares

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo, Paulus, 2008.

LIMA, Suzana M. V. **Juventude Rural e as Políticas Públicas e Programas de Acesso à Terra no Brasil: Recomendações para Políticas de Desenvolvimento para o Jovem Rural** / Suzana Maria Valle Lima ... [et. al] . – Brasília: MDA, 2013. 184 p.; 19, 6x 16,7 cm. – (NEAD Estudos; 25)

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: Um Olhar Sobre os Assentamentos Rurais do MST**. 2003. 321 F. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ceará.

_____. **Gênero e Juventude Rural: Permanência de Traços da Herança Cultural Camponesa e a Produção de Novos Valores na Construção do Presente**. Ceará: UFC, 2006.

SCHERER-WARREN, I. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado**, Abr 2006, vol.21, no.1, p.109-130. Disponível em: <http://www.scielo.br/>.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2005.

SOUZA, João Carlos de. **Movimentos sociais do campo: possibilidades temáticas de pesquisas e fontes**. Direitos Humanos, Diversidade e Movimentos Sociais um diálogo necessário. FAISTING, André Luiz; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. (orgs). Dourados : Editora da UFGD, 2011. p.157-176.

SPOSITO, Marília Pontes. Balanço e perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 123-128

_____. **A Sociabilidade Juvenil e a Rua: Novos Conflitos e Ação Coletiva na Cidade**. In: Tempo Social – Revista de Sociologia, da USP, São Paulo, v. 5 (1-2), p. 161-178, nov./94. 1993.